



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/ HAB EM LÍNGUA ESPANHOLA**

ALANA DA SILVA OLIVEIRA

**TRADUÇÃO LITERÁRIA:
Panorama das teorias da tradução**

MONTEIRO – PB

2016

ALANA DA SILVA OLIVEIRA

**TRADUÇÃO LITERÁRIA:
Panorama das teorias da tradução**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Letras com
habilitação em Língua Espanhola da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial para
obtenção do título de licenciada.**

Orientadora: Professora Mestra Marcelle Ventura Carvalho

MONTEIRO – PB

2016

O48t Oliveira, Alana da Silva.

Tradução literária [manuscrito] : panorama das teorias da tradução / Alana da Silva Oliveira. - 2016.

50 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Espanhola) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Marcelle Ventura Carvalho, Departamento de letras".

1. Tradução - Aspectos linguísticos. 2. Diacronia. 3. Tradução literária. I. Título.

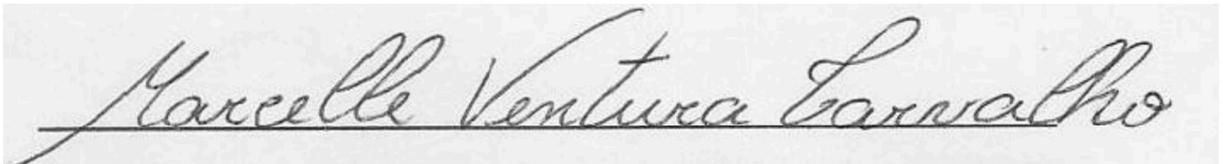
21. ed. CDD 418.02

ALANA DA SILVA OLIVEIRA

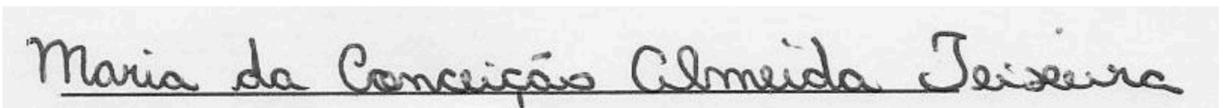
**TRADUÇÃO LITERÁRIA:
Panorama das teorias da tradução**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada.

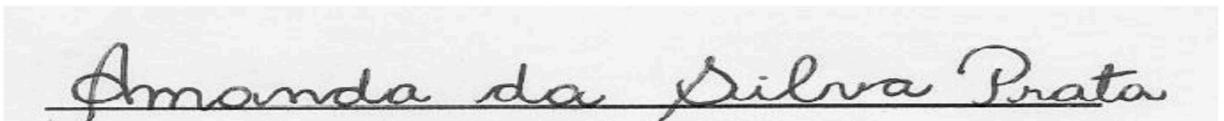
Aprovada em: 31 /05/2016.



**Professora Mestra Marcelle Ventura Carvalho
CCHE / UEPB
Orientadora**



**Professora Especialista Maria da Conceição Almeida Teixeira
CCHE / UEPB
Examinadora I**



**Professora Especialista Amanda da Silva Prata
CCHE / UEPB
Examinadora II**

MONTEIRO - PB

À minha irmã, Maria Jasilda Oliveira, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À professora Me Marcelle Ventura Carvalho, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Primeiramente a Deus pelo dom da vida, minha mãe Maria Arlete da Silva Oliveira (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força, e toda minha família pelo apoio e por ser a base de tudo .

Aos professores do Curso de Letras, habilitação em Língua Espanhola da UEPB, em especial, aos que contribuíram ao longo de minha graduação, por meio das disciplinas e debates.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

São os autores que fazem as literaturas nacionais, mas são os tradutores que fazem a literatura universal.

José Saramago

RESUMO

O tema *Tradução literária: panorama das teorias* tem como objetivo descrever as várias fases que a tradução galgou até tornar-se uma ciência. Há muito tempo praticada e há pouco discutida, a tradução é, ainda hoje, um campo minado, caracterizado pelo confronto de ideias antagônicas que inviabilizam um posicionamento unilateral, em especial a tradução literária tida, quase unanimemente, como subproduto, marginal e traidora. Será apresentado, nessa pesquisa, o mosaico formado pelas diversas abordagens que se debruçaram nos estudos tradutórios, evidenciando-se as teorias contemporâneas da tradução.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução – aspectos linguísticos. Diacronia. Tradução literária.

RESUMEN

El asunto traducción: panorama de las teorías, tiene como objetivo describir las varias fases en que la traducción pasó hasta se tornar una ciencia. Hay mucho tiempo practicada e hay poco discutida, la traducción es, todavía hoy, un campo minado caracterizado por el confronto de ideas antagonistas que inviabilisan un posicionamiento unilateral, en especial la traducción literaria tenida case por unanimidad, como sobretodo marginal y traidora. Será presentado, en esta pesquisa, el mosaico formado por las diversos enfoques que se estudiaron en els estudios traductórios, evidenciando-se las teorías contemporánias de la traducción.

Pallabras llaves: Traducción. Diacronia. Licteratura.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	ESTUDOS DA TRADUÇÃO: PANORAMA HISTÓRICO.....	11
2.1	ENFOQUES LINGUÍSTICOS SOBRE A TRADUÇÃO.....	15
2.2	A PROGRESSIVA DESVALORIZAÇÃO DA EQUIVALÊNCIA.....	20
2.3	A(IN)FELICIDADE DE TRADUZIR.....	22
3	A TRADUÇÃO LITERÁRIA E AS TEORIAS CONTEMPORÂNEAS DA TRADUÇÃO.....	25
3.1	A OFICINA NORTE AMERICANA DE TRADUÇÃO.....	26
3.2	A CIÊNCIA DA TRADUÇÃO.....	32
3.3	PRIMEIROS ESTUDOS DA TRADUÇÃO.....	36
3.4	TEORIA DOS POLISSISTMAS.....	39
3.5	DESCONSTRUÇÃO.....	42
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intenta demonstrar, de maneira sinóptica, os caminhos percorridos pelos estudos da tradução, caminhos esses truncados por diversas teorias que propuseram rumos antagônicos e visões divergentes caracterizados por pares antitéticos, tais como: traduzibilidade x intraduzibilidade, fidelidade x infidelidade, tradução livre x tradução literal, equivalência formal x equivalência literal etc.

Essa pesquisa compreende dois capítulos. O primeiro, intitulado *Estudos da tradução: panorama histórico*, apresenta um percurso diacrônico do possível nascimento e desenvolvimento do ato da tradução. Nesse espaço são evidenciados diversos enfoques lingüísticos sobre a tradução, à partir das contribuições dos teóricos: Laranjeira(2003), Batalha(2007), Catford(1980), Eugène Nida(1964), Roman Jakobson(1969), Paul Ricoeur(2011).

No segundo capítulo, intitulado *A tradução literária e as teorias contemporâneas da tradução*, é demonstrado o embate teórico das diversas correntes que se debruçaram nos estudos tradutórios. Trata-se, de fato, do recorte do livro *Teorias contemporâneas da tradução* de Edwin Gentzler, fonte desse segundo capítulo. No livro, Gentzler aborda as seguintes linhas tradutórias: a oficina norte-americana de tradução; a ciência da tradução; os primeiros estudos de tradução, teoria dos polissistemas e a desconstrução.

Em relação à *oficina norte-americana de tradução* são apresentadas as premissas da oficina, o paradoxo da tradução e o processo de tradução literária a partir das perspectivas de Ted Hughes, A. Richards, Frederic Will, Ezra Pound e Lawrence Venuti.

Em *a ciência da tradução* analisa-se essa prática a partir de estruturas subjacentes aplicando a gramática gerativa. Dentre os teóricos que encabeçaram essa linha estão: Chomsky, Smith e Eugene Nida.

Nos *primeiros estudos de tradução* André Lefèvere confrontou duas abordagens antagônicas: a hermenêutica e neo-positivista. Popovic aproxima tradução de interpretação.

Na *teoria dos polissistemas*, adubando o campo da tradução literária, Even-Zohar e Gideon Toury, demonstram que a tradução literária abrange não apenas o sistema literário, mas também, o sociológico, o antropológico, o econômico; a

tradução, para Zohar e Toury, deve explorar relações literárias intrassistêmicas voltadas para o texto-alvo.

Em *desconstrução*, cujo mentor teórico é Derrida, intenta-se reformular as bases da teoria da tradução; termos como reconstrução ou transformação do texto-fonte tornam-se emblemáticos para essa corrente.

Neste sentido, essa monografia percorrerá as diversas fases da tradução, mormente a tradução literária, desde o momento em que era estudada apenas como uma prática desvalorizada e marginalizada até o seu “apogeu” como uma ciência, conquistando seu espaço e prestígio no meio acadêmico.

2 ESTUDOS DA TRADUÇÃO: PANORAMA HISTÓRICO

A palavra tradução vem do latim clássico “*traducere*” e “*translatio*”. *Traducere* significa conduzir de um lado para o outro, ou seja, passar o texto de uma língua para outra, fazendo uma reescrita da essência do texto original. *Translatio* designa transplantação, isto é, a transferência de uma palavra de uma língua para outra, observando as distinções linguísticas e culturais entre a língua de partida e língua de chegada, o que sugere, conseqüentemente, que toda tradução é uma travessia cultural (BATALHA, 2007).

A partir do século XVI, o termo tradução surge para expressar a atividade de operação mental do intérprete, aquele que decifra os textos difíceis e que permite, por conseguinte, o ingresso no mundo estrangeiro. Posteriormente, o termo passa a designar “intermediação”, isto é, a interpretação pessoal do texto original, onde o tradutor adquire o papel de coautor do texto traduzido. (BATALHA 2007)

O documento mais famoso e antigo que se tem conhecimento em relação à atividade tradutória é a pedra roseta: um pedaço de basalto achado em 1799 durante a campanha de Napoleão, próximo ao rio Nilo, no Egito, sua escritura data do século II a.C. Nesse fragmento encontram-se três caracteres distintos: hieroglífica¹ egípcia, demótica egípcia e grega que foram traduzidos pelo francês Jean François Champollion no ano de 1822, vinte e três anos após sua descoberta. (RIZZO, 2010)

De acordo com Josefa Rizzo (2010), professora da USJT, a primeira tradução oficial aconteceu em Roma, no ano 146, o texto foi o “tratado de agricultura” elaborado pelo cartaginês Magão. Cícero, no século I, traduziu os discursos de Demóstines, preocupando-se com a fidelidade ao sentido do texto original.

Fato historicamente marcante na atividade tradutória foi a Septuaginta, versão bíblica do *Antigo Testamento* do hebraico para grego, quando foram escolhidos 72 sábios para traduzi-la, devido à ambição do rei Ptolomeu Filadelfo II da Alexandria, que obtinha o maior acervo de livros do mundo, mas não possuía uma versão da bíblia em grego.

¹ Hieróglifo: escrita sagrada do antigo Egito. Demótica: caracteres da língua escrita popular.

No século III d.C, em 384, o Papa Damaso encomendou a São Jerônimo uma tradução latina da bíblia que passaria a ser a única considerada verdadeira e aceita pela Igreja. Para realizar a missão, Jerônimo foi à Palestina e estudou o idioma hebraico durante vinte anos, traduzindo a Bíblia para o latim vulgar, falado pela maioria das pessoas. A cúpula clerical o censurou, pois ansiava por uma tradução mais culta; no entanto, seu trabalho ficou conhecido em todo o Mediterrâneo e, anos depois, seu autor foi considerado o patrono dos tradutores, tendo o dia 30 de setembro como o Dia dos tradutores em homenagem a São Jerônimo (RIZZO, 2010)

No final do século XVI, foram descobertos comentários teóricos sobre a tradução. Um deles é o de São Jerônimo declarando que nas sagradas escrituras “a própria ordem das palavras constitui um mistério, e as traduções deveriam apresentar um número de palavras igual a dos respectivos originais, sem interpretações pessoais capazes de deturparem o verbo divino.” (CAMPOS, 1986, p.13)

O tradutor da Vulgata São Jerônimo evidencia a dicotomia entre a tradução dos textos religiosos e dos textos profanos. “De acordo com ele, é necessário estabelecer essa diferença, pois, para o texto sagrado, a ordem das palavras representa já um mistério em si.” (BATALHA, 2007, p. 15). A grande questão, discutida por Jerônimo, confronta a tradução palavra por palavra *versus* a tradução sentido por sentido; aquela, desejável para os textos religiosos; esta, admissível para os textos profanos.

A Idade Média, período de fortalecimento da catequese religiosa, colocou a tradução a serviço da evangelização. Para a cristianização era mister a comunicação entre nativos e bárbaros (CAMPOS, 1986).

A necessidade da tradução também é remanescente da decadência do feudalismo. Com o fim dos feudos, foram criados reinos de grande extensão com identidades linguísticas próprias, surgindo as línguas vernáculas, e, por conseguinte, o interesse por intérpretes e tradutores que eram essenciais para intercambiar as transações comerciais nos pequenos reinos. (CAMPOS, 1986)

No século XV, em 1440, a invenção da imprensa por Guttemberg abriu novas possibilidades em relação à tradução, visto que a reprodução e circulação de obras proporcionavam o conhecimento de idéias e a necessidade de transmiti-las em diversas línguas. Um das mais importantes publicações foi o *Dicionário de oito línguas* (grego, latim, flamengo, francês, espanhol, italiano, inglês e alemão) em

1550; bem como a primeira tradução da *Divina Comédia* de Dante Alighieri, em 1596, pelo abade francês Balthazar Grangier. (CAMPOS, 1986)

O Renascimento enfraqueceu a “versio” medieval, extremamente ligada ao original, culminado no século XVII com as chamadas “belas infiéis”, traduções que praticamente desprezavam a forma do texto original e valorizavam o conteúdo. (CAMPOS, 1986). O romantismo revalidou a “versio” medieval, ignorando as “belas infiéis”.

O respeito à forma foi evidente na tradução de François-René de Chateaubriand ao versar para o francês a obra *O paraíso perdido* de John Milton, bem como na tradução francesa da *Ilíada* de Homero pelo francês Lecomte de Lisle. (CAMPOS, 1986)

No século XX, passados três séculos, os profissionais da tradução continuaram digladiando-se, visto não haver consenso em relação a várias instâncias tradutórias, permanecendo a dicotomia entre tradução literal – que corresponde à lealdade ao texto original – e a tradução livre, que dá ênfase ao sentido do texto.

Apesar de ser praticada há tempos, até a década de 1960 os estudos sobre a tradução eram considerados pré-linguísticos, não apresentavam vínculo acadêmico, tratavam-se de observações individuais e intuitivas. A partir dos anos 60, nos meios acadêmicos, houve o interesse em fazer uma análise mais aprofundada sobre a tradução (BATALHA, 2007). As abordagens linguísticas, dentre elas o formalismo e o estruturalismo, serviram para clarear o entendimento da atividade tradutória.

Até os anos 80, os estudos da tradução eram focados na linguística geral, relacionado ao campo descritivo dos fenômenos linguísticos, tendo por objetivo a comparação entre língua e tradução. As décadas de 80 e 90 suscitaram várias discussões sobre os Estudos da Tradução:

A prova disso é a grande quantidade de ensaios e teses publicadas em diferentes países, os inúmeros congressos realizados e o progressivo reconhecimento do tradutor que se verifica, nessa época, por parte do mercado do trabalho. Como corolário dessa tendência, se dermos uma rápida mirada nesses últimos anos, vamos constatar um importante volume de traduções que circularam em todo mundo, a profissionalização e o crescente aperfeiçoamento dos tradutores, assim como o surgimento de associações nacionais e internacionais, a criação de sites de especialistas na área etc. (BATALHA, 2007, p. 17)

Ao longo do tempo, a tradução passou por muitas perspectivas; desde as reflexões empiristas, não normativas, até às reflexões teórico-científicas, tanto de atitude prescritiva quanto descritiva face à prática tradutória (BATALHA, 2007).

A atividade tradutória não é tão recente quanto se imaginava, sempre houve a necessidade de entender e interpretar culturas distintas, mas, nas últimas décadas, deu-se uma grande ênfase quanto à definição do que seria tradução e ao embate entre a afirmação de ser impossível traduzir até a certeza de que tudo pode ser traduzido. Buscando o meio-termo

Mas os textos traduzidos estão aí a nos dizer que nesse campo não cabem radicalizações. Parece mais razoável, ao invés de se falar de tradutibilidade ou intradutibilidade absolutas, aceitar que, na verdade, existem graus, aqui maiores, ali menores, de tradutibilidade.” (LARANJEIRA, 2003, p. 15)

Segundo o autor, dentre as grandes barreiras da tradutibilidade tem-se aquelas advindas das distinções linguísticas, culturais, das especificidades sócio-culturais, antropológicas e sociológicas que estão na base da língua fonte, barreiras essas que além de serem transpostas deverão ser repostas na língua alvo.

Tais especificidades nos levam a afirmar que, quanto maior a distância entre as duas línguas, maiores serão os obstáculos de natureza sócio-cultural enfrentados pelo tradutor, visto que serão raros os pontos em comum, nos quais o tradutor se apoiará para realizar inferências. Essas armadilhas, presentes na tradução, podem ser evitadas mediante o uso da metalinguagem, glosas, explicações, comentários etc. Logo, pode-se afirmar que a intraduzibilidade total é praticamente nula.

Além da barreira cultural, o tradutor, muitas vezes, defronta-se com novo empecilho, mormente o tradutor de poesia. Sabe-se que no texto poético a organização da essência sonora tem comprometimentos fundamentais na maneira de significação e na própria elaboração de sentido, esses elementos assumem incontestável importância e podem compor sérios problemas para a atividade tradutora. Visto que, na linguagem poética, o significante, muitas vezes se sobrepõe ao significado, e o código adquire importância singular. Em poesia o signo não é arbitrário e a linearidade textual é comprometida, havendo deslocamentos e transformações que resultam em verdadeiras camadas interpretativas. (LARANJEIRA, 2003)

Ainda hoje, diferentes teorias surgem a cada momento e isso nos faz perceber que a tradução não é, e não deve ser, uma atividade mecânica. A tradução é um trabalho de mão dupla, pois sua prática não diz respeito apenas ao conteúdo, mas envolve duas línguas e culturas, a de saída e a de chegada; para traduzir não basta dominar o idioma, aqui se torna mister o letramento cultural do tradutor em relação à língua alvo.

A área da tradução dialoga com vários campos de conhecimento, tais como: linguístico, antropológico, histórico etc. O ato de traduzir é uma atividade criativa que exige senso crítico para saber repor quando se perde e saber identificar até que ponto se deve reformular o texto. Face a tal celeuma, sobressaem as vozes dos diversos enfoques linguísticos.

2.1 ENFOQUES LINGUÍSTICOS SOBRE A TRADUÇÃO

De acordo com Jonh Catford (*apud* BATALHA, 2007) a teoria da tradução cria uma relação entre línguas, o que a insere no ramo da linguística comparada. O teórico tinha como objetivo utilizar alguns exemplos de traduções ao pé da letra, impróprias em relação ao texto original, para demonstrar e, assim evitar o uso inadequado da tradução como método de ensino de línguas, denominado método gramática tradução.

Partiu do principio de que se deveria estudar a atividade tradutória através de categorias descritivas, próprias da linguísticas, uma vez que se fazia um uso equivocado da tradução como método de ensino de línguas, o chamado método gramática-tradução, lançando-se mão, segundo o autor, de 'má gramática' e 'má tradução'. (CATFORD, *apud* BATALHA, 2007, p.19.)

A grande contribuição de Catford, baseada nos estudos linguísticos, foi demonstrar o limite da gramática. Ele preocupava-se com o fenômeno da linguagem humana, seus desvios e a descrição de sua forma arbitrária diante do uso real da língua, englobando, em suas análises, diversas correntes lingüísticas como estrutural, sistêmica, funcional, gerativa etc. (BATALHA, 2007).

A abordagem lingüística caracteriza-se pela relevância dispensada à língua e à cultura do texto de partida, bem como pelo intuito de analisar a tradução como ciência, seguindo o modelo estruturalista, cujo auge deu-se na década de 60 e 70. (RODRIGUES, *apud* OLIVEIRA 2007. Essa sacada científica que focaliza o estudo

da equivalência como conceito indispensável à tradução foi defendida por John Catford, Eugène Nida e pela chamada Escola de Leipzig.

Na obra *Uma Teoria Lingüística da Tradução*, Catford nos assegura que “o problema central em prática de tradução consiste em encontrar equivalentes de tradução da LM” e que a teoria da tradução objetiva “definir a natureza e as condições da equivalência de tradução” (CATFORD, 1980, p. 23).

A ênfase dada à equivalência se justifica pelo objetivo dos estudos tradutológicos feitos sob a perspectiva linguística, que era prescrever regras para a tradução. Dessa forma, delimitar e explicar como chegar a termos equivalentes era fundamental para o estabelecimento de normas a serem seguidas pelos tradutores para conseguirem uma tradução adequada. (OLIVEIRA, 2007)

A equivalência parte do princípio da comparação entre as diferenças e as semelhanças apresentadas pelas línguas. (RODRIGUES, 1999). Segundo Rodrigues, Catford busca uma sistematização lingüística, um “significado estável compartilhado por línguas diferentes”, e tópicos como questões culturais, agente do discurso, tradutor etc não seriam relevantes para o processo. (RODRIGUES, 1999, p. 61).

Embora suas idéias sejam consideradas ultrapassadas, Catford é um nome relevante. Dele, a tradução herdou dois termos que são basilares no estudo da equivalência: a equivalência textual e a equivalência formal. A equivalência textual seria “qualquer texto ou porção de texto da LM que, pelos métodos abaixo descritos, se observe ser numa ocasião específica o equivalente de determinado texto ou porção de texto da LF” (CATFORD, 1980, p. 29). A partir da comutação se analisa porções de texto da Língua-fonte para observar o que muda na Língua materna. O que é alterado na LM é considerado como “o equivalente da porção modificada do texto da LF” (CATFORD, 1980, p. 30).

A equivalência formal, segundo conceito de Catford, caracteriza-se pela relação entre classes ou categorias gramaticais, “qualquer categoria da LM que se possa dizer que, tão aproximadamente quanto possível, ocupa na economia da LM o ‘mesmo’ lugar que a categoria considerada da LF ocupa na LF” (CATFORD, 1980, p. 35).

Na Grã- Bretanha, em 1964, o escritor Eugène Nida, representante menos radical da corrente linguística, procurou refletir sobre a tradução, a partir da linguística e da etnologia, tendo a preocupação de ver o texto a ser traduzido como

um ato comunicativo, enfatizando a semântica (BATALHA, 2007). Embora perceba a tradução como igualdade de valores, Nida observa os aspectos culturais e antropológicos envolvidos na tradução e não apenas os fatores lingüísticos, como Catford. O autor debruça-se no estudo dos equivalentes funcionais, garantindo o repasse da função do texto de partida no texto de chegada.

Nida subdividiu o enfoque do texto em equivalência formal e equivalência dinâmica de acordo com o objetivo textual. A equivalência formal voltava-se para a forma culta, para a mensagem em si, enquanto a outra se preocupava com o sentido, a intencionalidade, a comunicação do texto, com o resgate do efeito pretendido pelo texto original.

O conceito de equivalência dinâmica de Nida tem reflexos no trabalho de outros autores, adeptos do que foi chamado de equivalência funcional, como Newmark. Para este autor, a tradução deve despertar em seu leitor uma reação que possa se confundir com a reação que teve o leitor do original, por força do princípio do efeito similar ou equivalente. Há uma tentativa de unir os dois pólos do processo tradutório, o original, e a intenção de seu autor, e o receptor do texto traduzido. (OLIVEIRA, *apud*, NIDA, pag. 4-5)

Para Nida, os valores ideológicos e culturais do tradutor devem ser neutralizados. O bom tradutor não melhora, nem esclarece as ideias do original, apenas as reflete, salvando os significados confidenciais pelo autor no texto de partida (NIDA; REYBURN, 1981). Essa reverência à mensagem do 'original' se justifica pela dedicação de Nida à orientação de tradutores missionários alistados na disseminação da 'palavra de Deus', inquestionável e soberana. (OLIVEIRA 2007) Objetiva-se transmitir a mensagem para leitores que são "desvinculados da história, traduzidos para um novo contexto e forçados a funcionar da mesma maneira." (GENTZLER, 2009, p. 82).

É flagrante a percepção negativa do papel ativo do tradutor. Apenas o transplante correto do texto, ou seja, o resgate de seu sentido único, sem interferências do tradutor, resultaria na transmissão equivalente da mensagem, limitando-a a apenas uma interpretação, pressupondo a unicidade da leitura. Os significados estão dispersos no texto, cabe ao tradutor repassá-los, o essencial é o ponto de vista do autor e não o do tradutor. (NIDA, *apud* OLIVEIRA2008).

O autor propôs que era preciso compreender o sentido duplo da tradução, por se tratar do texto original e do texto traduzido. Para o estudioso, a análise linguística do texto original está preocupada com o conteúdo e a forma, criando

assim uma equivalência formal. O tradutor - ao abrir mão desses aspectos e preferir a qualidade de expressão do texto final, ou seja, o texto na língua alvo - propõe um conjunto decodificável para o novo leitor, com características linguísticas e extralinguísticas específicas, constituindo assim uma equivalência dinâmica, que dá ao novo texto um novo contexto linguístico parecido com o texto fonte. (NIDA, *apud* BATALHA, 2007)

Em 1963, como objetivo de sua tese, o escritor francês, Georges Mounin, fez um balanço dos grupos das correntes linguísticas que progrediam até o momento e seus vínculos com a tradução. Mounin percebeu que tanto as escolas européias quanto americanas eram influenciadas pelo estruturalismo saussuriano e tinham como base o formalismo e a linguística funcional.

Todos esses estudos estavam preocupados em se opor à forma tradicional dos estudos de gramática; evidenciavam a funcionalidade na comunicação e o valor de estrutura. O estruturalismo linguístico não descartava as regras gramaticais, porém sua preocupação era com o uso real da língua. Foi a partir do interesse pela fala que os estudos foram ganhando seu espaço.

Entende-se por fala, o uso individual ou sociocultural que se faz da língua em contexto; por língua, entende-se o código convencional do qual os indivíduos lançam mão para se comunicar. A gramática normativa negligenciava tais especificidades e propunha um modelo, falado e escrito, espelhado nos escritores e na elite cultural, distanciado do uso real da língua. (BATALHA, 2007)

Até meados dos anos 80, os enfoques teóricos da tradução, concentrados na linguística geral, estavam ligados ao campo descritivo dos fenômenos linguísticos, voltados para analogias entre línguas no ato da tradução, abordando também as funções da linguagem, de acordo com os estudos do linguista Roman Jakobson, referente à perspectiva comunicativa dos textos ou da língua. A partir dos anos 80, no decorrer dos estudos enunciativos e pragmáticos, o enfoque progrediu para o objeto interpretativo dos fenômenos da comunicação.

A conseqüência nos estudos da tradução foi que, de George Mounin aos estudiosos dos anos 80 e 90, como os da escola de Paris III, para nos atermos ao campo francófono, passando também pelo canadense Jean Delisle, aumentaram consideravelmente as respostas sobre a capacidade de o vasto campo de estudos da linguagem oferecer um instrumental teórico para se refletir sobre a tradução. (BATALHA, 2007, p. 24)

Dentre os estudiosos da linguagem é relevante o nome de Roman Jakobson (1969) para quem o ato de traduzir é uma operação puramente linguística que se fragmenta em 3 tipos: tradução intralingual, interlingual e intersemiótica. (LARANJEIRA, 2003)

A **tradução intralingual** consiste na reescritura de sinais em uma língua com sinais da mesma língua, logo é uma tradução que ocorre dentro do mesmo código lingüístico, no momento em que o emissor ou receptor da mensagem emprega exemplos e paráfrases para elucidar uma informação evitando ruídos de comunicação; a **tradução interlingual** refere-se à interpretação de sinais em uma língua com sinais de outras, seria a tradução propriamente dita, aquela que ocorre entre dois ou mais códigos lingüísticos distintos, esta seria o campo de estudo da Teoria da tradução; e a **tradução intersemiótica** assenta-se na transferência de sinais em uma língua para um sistema de sinais (arte, música etc.), podemos exemplificar a tradução intersemiótica no emprego das placas de trânsito em que ao invés de escrever “Proibido estacionar” traduz-se a mensagem pela seguinte imagem:

Figura 1 – Placa de Sinalização de trânsito R-6a – Proibido Estacionar



Fonte: <http://aimore.net/placas/geral.html>

Todas as subáreas definidas por Jakobson se relacionam mutuamente e, a partir do momento em que essa definição é aceita, percebe-se que a teoria da tradução envolve o indivíduo em diversos aspectos de sua prática linguística e cultural.

O pesquisador Peter Newmark (1998), baseando-se nos estudos linguísticos, mormente no campo do discurso e da pragmática, salienta que o trabalho do tradutor vai além da reescritura do texto, estendendo-se ao reconhecimento dos

caracteres da nova cultura, estando longe de ser um discreto cálculo linguístico. Segundo o estudioso, o êxito de uma tradução exige reconhecer tipologias e funções que só serão entendidas se o tradutor estiver atento às estruturas não linguísticas relacionadas ao texto original:

O trabalho do tradutor está não só na (re) escritura do texto, mas também no reconhecimento de sua tipologia e de suas funções que, muitas vezes, só serão compreendidas se o tradutor perceber as estruturas não-linguísticas contemporâneas à criação do texto original. (NEWMARK *apud* BATALHA, 2007, p. 47.)

A compreensão do texto a ser traduzido só será fácil quando o tradutor perceber a intenção e a complexidade de sentidos comunicados no texto fonte, bem como a forma como o texto está organizado. É necessário que o tradutor, na medida do possível, mantenha essa dinâmica textual, conserve as condições de comunicação, bem como as macro e microestruturas textuais. “A tradução será tanto mais satisfatória quanto mais esses parâmetros forem respeitados” (BATALHA, 2007, p.47).

Paulo Roberto Ottoni, pesquisador brasileiro, afirma que só o tradutor é capaz de compreender e interpretar tais significados: “É só o indivíduo tradutor que tem condições de produzir e transformar esses significados em outros dentro do jogo de diferenças e semelhanças do sistema da língua.” (OTTONI, 1997:138, *apud* BATALHA, 2007, p. 46). Percebe-se, portanto, o enfraquecimento da noção de equivalência.

2.2 A PROGRESSIVA DESVALORIZAÇÃO DA EQUIVALÊNCIA.

Na segunda metade do século XX, a noção de equivalência na tradução foi questionada pelos estudiosos que seguiam uma perspectiva contextualizada e histórica dedicada totalmente à análise da tradução literária e à literatura comparada. (RAMOS, 2007)

Essa perspectiva apóia-se na abordagem histórico-descritivo, culminando na nova linha de estudo denominada “Escola de Manipulação”, cujos mentores principais são André Lefèvere, James Holmes, José Lambert, Theo Hermans, Susan Bassnett, Gideon Toury e Itamar Even-Zohar. Um dos lemas da escola é a assertiva que em toda tradução há manipulação do texto original para determinado fim.

(HERMANS, *apud* RAMOS, 2007). Essa mudança de ponto de vista só foi possível devido a mudanças dos paradigmas do meio científico, onde o essencialismo positivista é questionado desprezando-se a concepção da existência de uma única verdade científica. Dessa maneira, o conhecimento e o modo de adquiri-lo se renovam, tornam-se maleáveis, aceitando-se interpretações pessoais e culturais. (RAMOS, 2007).

Para a “Escola de Manipulação”, o ponto principal de estudo é como o texto a ser traduzido será recebido e por quais situações o tradutor passou até o término da tradução. O texto traduzido liberta-se do aposto de texto secundário e torna-se sinônimo de “reescritura”. A manipulação do texto é vista como inerente ao ato tradutório e deve ser valorizada.

Outra característica marcante é a questão da negatividade da equivalência “enquanto construto definido com base no texto de partida, um ideal a ser atingido e sujeito a regras determinadas pelos teóricos”. (RODRIGUES, *apud* OLIVEIRA, 2007). Não se deseja o clone do original mostrado em outra língua, a igualdade de valor (semântico, morfológico etc) não é mais essencial. O número de traduções é proporcional ao número de tradutores que se debruçaram no texto. (RAMOS, 2007)

De acordo com Hermans *apud* Oliveira (2007) o conceito de equivalência está relacionado a fatores que envolvem dominação e poder, equivalência sugere igualdade de valor, intercambio e relações iguais, o que esconde a cumplicidade da tradução no que se refere ao estabelecimento e, ou manutenção de relações do poder. O escritor Toury, por sua vez, não ignora o termo da equivalência, porém não a coloca em um pedestal, considerando-a apenas uma das relações entre o texto fonte e o texto alvo. Hernam a escanteia completamente:

Todos sabemos que uma tradução não pode coincidir com seu texto-fonte. Ela contém palavras diferentes, significados diferentes. Não é somente a língua que muda com a tradução é também o enunciado, a intenção, o momento, a função, o contexto. A intervenção do tradutor não pode ser apagada sem que seja apagada a própria tradução. Esta é necessariamente híbrida, marcada, opaca, diferente. A crença na equivalência é uma ilusão – talvez uma ilusão necessária em termos pragmáticos e sociais, mas ainda assim uma ilusão. (HERMANS *apud* OLIVEIRA, 2007)

Tanto Toury quanto Herman propõem que sejam admitidas normas de tradução, essas normas teriam caráter descritivo e funcionariam como padrões de comportamento que todos os tradutores teriam como base. Mas essas normas não

resultariam em uma tradução monolítica, fechada, visto o tradutor poder fazer várias traduções de um mesmo texto, dependendo do processo de tradução e da recepção, do público-alvo, que a aguarda.

Podemos entender que o papel do tradutor vai além de levar uma palavra de uma língua para outra, mas tornar o texto legível em outro contexto linguístico-cultural; por esse motivo, muitas vezes, o tradutor tem de deter-se ao conteúdo, transformando e atualizando a mensagem para que se torne clara em uma conjuntura outra, determinada por novas circunstâncias. Nesse campo minado, o tradutor, muitas vezes, é pautado tanto como criador como traidor. E nisso consiste a (in)felicidade de traduzir.

2.3 A (IN)FELICIDADE DE TRADUZIR

Uma das definições mais interessante sobre o ato de traduzir é a de Frans Rosenzweig ao afirmar que “traduzir, ele diz, é servir a dois mestres: o estrangeiro em sua obra e o leitor em seu desejo de apropriação.” (ROSENZWEIG, *apud* RICOUER, 2011, p. 22)

O leitor exige do tradutor clareza e transparência; o estrangeiro exige fidelidade. Por isso, quando o tradutor se propõe a traduzir determinado texto ou obra, ele passa por várias dificuldades, a começar pela resistência

O tradutor encontra essa resistência em vários estágios de seu empreendimento. Ele encontra mesmo antes de começar sob forma de presunção de não tradutibilidade, que inibe antes mesmo de atacar a obra. (RICOEUR, 2011, p. 23)

O tradutor é um ser que dificilmente atinge a plenitude, muitas vezes lhe é familiar o sentimento de “deficiência”, de incompletude. Sabendo que não há a tão sonhada tradução perfeita, principalmente diante de determinados textos, o tradutor assume o compromisso e vê-se face à problemática tão comentada: traição x fidelidade.

Diante do desejo de trazer à tona a face oculta da língua fonte na obra a traduzir, o tradutor repensa e questiona sua capacidade e surge, mesmo que rapidamente, o medo do desafio, o medo de ser posto à prova perante, no mínimo, duas culturas heterogêneas. Portanto, o trabalho da tradução consiste em habitar a língua do outro e ao mesmo tempo ser habitado pela palavra do estrangeiro. Nessa

via de mão dupla surgem as falhas de intraduzibilidade que transformam a tradução em um drama e da vontade de fazer a tradução perfeita em um desafio. “Ora, essas intraduzibilidades se devem justamente à história das transposições e reacomodações geradas pelas próprias traduções e retraduições que implicam sempre novas interpretações.” (RICOEUR, 2011, p.13-14)

Essas falhas de intraduzibilidade são mais constantes nos textos poéticos. A poesia, a princípio, oferece maiores dificuldades, visto a união inseparável do sentido e da sonoridade, do significado e significante, transplantar aliterações, assonâncias e demais especificidades da linguagem poética é um desafio.

E quanto mais difícil parece um texto, maior é o número de tradutores que se candidatam. Exemplo disso é o famoso “soneto de Arvers”, quatorze linhas rimadas com que o cidadão francês Felix d’Arvers — que nem era um dos poetas maiores do seu país ou do seu tempo, houve por bem cantar a própria dor de cotovelo por amar uma mulher que já era de outro homem. Pois o tal soneto fez carreira: só no Brasil foi traduzido por mais de duzentos autores, sem contar as paródias e paráfrases. A impressão que se tem é a de que todo tradutor recebe como um desafio os versos de Arvers, e aceita esse desafio galhardamente, havendo mesmo quem os tenha traduzido mais de uma vez e em mais de uma forma. (CAMPOS, 1986, p.10)

A idéia de exatidão da tradução dilui-se diante da multiplicidade de traduções de um mesmo texto. “Se fossem todas exatas, haveriam de ser iguais todas as traduções de um mesmo texto, e jamais poderia o mesmo tradutor chegar a soluções diferentes e todas aceitáveis.” (CAMPUS, 1986, p.10-11)

Outra dificuldade encontrada por quem trabalha com tradução é a resistência por parte da expectativa do leitor, pois a pretensão à auto suficiência e a recusa da mediação do estrangeiro fazem com que o leitor nutra, de forma secreta, o etnocentrismo linguístico e hegemônicas culturais, produzindo no tradutor o sentimento de uma dívida eterna, de um luto face à tradução absoluta (RICOEUR, 2011).

Segundo Paul Ricoeur “A felicidade de traduzir é um ganho quando ligada à perda do absoluto linguístico, ela aceita a distância entre a adequação e a equivalência. Nisso está sua felicidade” (RICOEUR, 2011, p. 29). Para o tradutor a recompensa está na “hospitalidade linguística”. “Onde o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, na acolhida e de sua

própria morada, a palavra do estrangeiro". (RICOEUR, 2011, p. 30). A (in)felicidade de traduzir pode ser vista como masoquismo linguístico, pois nem sempre a hospitalidade é acolhedora.

3 A TRADUÇÃO LITERÁRIA E A TEORIAS CONTEMPORÂNEAS DA TRADUÇÃO

A tradução é considerada nova e antiga ao mesmo tempo; como teoria em si, surgiu em 1983 na *Modern Language Association International Bibliography*, mas sua prática é tão antiga quantos os escritos bíblicos, a exemplo da Torre de Babel (GENTZLER, 2009). Mesmo que alguns trabalhos não exijam a prática da tradução, seu uso ocorre de forma indireta, através de relações com sistemas significativos, podemos citar os trabalhos ou escritos monolíngues em que, de modo recorrente, os autores lançam mão de paráfrases e explicações, na tentativa de traduzir o já dito, só que de modo mais compreensível.

Embora seja considerada, por muitos estudiosos e pesquisadores, uma teoria marginal, seu uso é indispensável para qualquer pessoa que trabalha na área da interpretação da literatura, principalmente em um período caracterizado pela multiplicidade de teorias literárias, a saber; teoria estruturalista, pós-estruturalista, teoria da recepção, teoria psicanalítica, teoria da carnavalização, teoria hermenêutica etc., a teoria da tradução está se tornando essencial para todas elas.

Apesar de ser considerada uma disciplina marginal no meio acadêmico, a teoria da tradução é central para qualquer pessoa interpretando literatura, em um período histórico caracterizado pela proliferação de teorias literárias, a teoria da tradução tornando-se cada vez mais relevante para todas elas. (GENTZLER, 2009, p. 21)

A tradução, por muito tempo, era associada à uma cópia e, por conseguinte, à uma traição ao texto fonte. Com o passar do tempo, a teoria da tradução evoluiu e ganhou seu espaço; mas, com essa evolução, surgiu a dicotomia: tradução formal, com fidelidade total ao texto original, versus tradução livre, usando novas formas de interpretar o texto fonte.

George Steiner (*apud* GENTZLER, 2009) dividiu a história da teoria da tradução em dois momentos: primeiramente aquele que iria até Jakobson e se caracterizaria pela “distinção teórica formal”, isto é, pela relação do texto traduzido com a forma do texto original; o segundo momento emprega a “distinção teórica livre” em que se busca assimilar a intenção do original.

Segundo GENTZLER (2009) A “moderna” teoria da tradução inicia-se com o estruturalismo e foi analisada por várias abordagens que vieram a lume na década

de 1960 e são influentes até hoje, a saber: (1) a oficina norte-americana de tradução; (2) a “ciência” da tradução; (3) os primeiros estudos de tradução; (4) a teoria dos polissistemas e (5) a desconstrução.

3.1 A OFICINA NORTE AMERICANA DE TRADUÇÃO

Os anos que antecederam 1960 foram marcados por muitas lamentações em relação à tradução, considerada uma atividade marginalizada, mecânica e secundária. A partir da década de 1960, o escritor Paul Engle, diretor da oficina dos escritores na Universidade de Iowa, teve a iniciativa de criar a oficina de tradução nos Estados Unidos, pois de acordo com Engle a escrita criativa não conhece fronteiras nacionais, e que deve incluir escritores internacionais. (GENTZLER, 2009)

A tradução literária no âmbito acadêmico na América do Norte ainda é considerada, por muitos, uma ocupação inferior, ausente de originalidade e de criatividade capazes de instigar a atenção crítica do público geral (GENTZLER, 2009). A própria comunidade tradutora costuma lastimar-se de que não há mercado para seu trabalho e, quando surge algo publicado, de imediato é relegado às margens da averiguação acadêmica. No entanto, as últimas quatro décadas revelam o afloramento, em alguns níveis acadêmicos, de certo interesse pela tradução literária. (GENTZLER, 2009)

Nos últimos anos houve certo interesse popular pela tradução literária e pela natureza teórica da linguagem; no entanto, poucos percebem a relação que há entre as duas práticas, um motivo para essa falta de atenção é a aplicação de premissas “ateóricas” por quem pratica e ensina a tradução literária, conforme é revelada em prefácios e introduções contendo traduções. De acordo com o ensaio *Teaching translation: some notes toward a course structure* 1987, Jonas Zdanys, descreve sobre a ambivalência em relação ao ensino da tradução literária, relatando que esse tipo de processo criativo não pode ser ensinado, mas pode deixar o discente consciente dos aspectos da poesia, da língua, da estética e da interpretação. (GENTZLER, 2009)

O processo do programa de redação criativa teve uma boa aceitação durante a década de 1970, mas na década seguinte, devido ao descrédito acadêmico para tradução literária, e à natureza monolíngue da cultura alvo, o programa arrefeceu. A

atividade tradutora nada mais seria que um ensinamento que se opunha à concepção defendida pela elite literária dominante, por esse motivo era considerada marginal tanto nas instituições acadêmicas, quanto econômica, sendo considerada um movimento contra a cultura. (GENTZLER, 2009)

Essa tipificação também tem origens socioeconômicas: colocar na tradução o rótulo de derivativa acaba reforçando um *status quo* existente, que dá maior ênfase não ao processo, mas sim à busca e à consumação de significado “original”. A atividade de tradução representa um processo de antítese a certas crenças literárias dominantes, daí o fato de ser relegada ao status marginal nas instituições educacionais e econômicas; traduzir era ir contra a Cultura (GENTZLER, 2009).

Durante as décadas de 1960 e 1970 a tradução já estava totalmente envolvida nas mais diversas formas de valor e visões da realidade, mesmo não sendo considerada relevante no meio acadêmico, os textos traduzidos estavam ganhando espaço no mercado aberto e o escritor Ted Hughes percebeu a atração popular pelas traduções literárias, a ponto de afirmar que:

Essa explosão das vendas populares de poesia moderna traduzida foi algo inédito. Embora refletisse apenas um aspecto da onda de energias mescladas que galvanizaram aqueles anos com tantos extremos, ela foi ao mesmo tempo alimentada por quase todos eles - budismo*, a moda da ideologia hippie, a revolta dos jovens, a música pop dos Beatles* e sua geração... Esse momento histórico pode ser visto como... um desenvolvimento de dentro para fora, uma mudança do milênio na visão da realidade por parte do ocidente indústria”. (HUGUES, 1983:9 *apud* GENTZLER, 2009, p. 29)

De acordo com Hughes, esse fenômeno que fez florescer a tradução nos anos 1960 foi devido ao movimento de uma geração que estava envolvida nas mais diversas formas de comunicação.

Dentre os teóricos pioneiros que influenciaram a oficina de tradução é relevante citar A. Richards. Sua prática consistia em dar aos seus melhores alunos de Harvard 13 poemas de autores desde Shakespeare a Ella Wheeler, para análise, sem dar nenhum tipo de informação como título ou autoria do poema. Seus objetivos eram: 1- incorporar uma nova espécie de documentação à cultura americana contemporânea. 2- ofertar um novo método para os indivíduos desvendar por si só, o que pensam da poesia; e, por fim, 3 - averiguar novos métodos educacionais. (GENTZLER, 2009)

A abordagem de Richards poderia sugerir que o mesmo estava aberto às mais variadas interpretações, que as leituras eram libertadoras; no entanto, seu propósito era exatamente o contrário: consolidar novas técnicas educacionais que resultariam na perfeita compreensão do texto diante da resposta correta e unificada. (GENTZLER, 2009)

Em termos de estrutura, a metodologia da oficina de tradução acolheu certas características da oficina de Richards, como a tentativa de descobrir normas e princípios que auxiliassem a ter uma comunicação mais refinada. A tradução literária teria como meta

Uma perfeita compreensão [que] envolveria não apenas uma direção precisa de pensamento, uma evocação correta do sentimento, uma apreensão exata do tom e um reconhecimento perfeito da intenção; mas, além disso, colocaria esses significados contributivos na ordem certa (RICHARDS, *apud* GENTZLER, 2009, p. 34)

Observa-se que o método de análise literária de Richards objetivava o reconhecimento preciso das “intenções do autor”. Richards acreditava que os leitores poderiam identificar precisa e uniformemente o sentido obscuro do texto, mediante uma interpretação que recuperasse o mesmo significado. Isso demonstra que esse método, extremamente rígido, é anti-democrático, pois preconiza controlar as respostas prontas e “proteger” os leitores de suas próprias ideias, evitando que os alunos pensassem por si mesmos, o leitor perfeito seria aquele apto a recuperar o significado pretendido pelo autor.

Essa prática de análise literária também foi defendida por Richards na área da teoria da tradução; reafirmando a teoria do significado, o teórico comparava as traduções com os textos originais na tentativa de resolver os problemas que dificultavam a “compreensão perfeita”. (GENTZLER, 2009)

O escritor Frederic Will, a princípio, é considerado um continuador de Richards, mas houve discordâncias, sendo a mais relevante que enquanto este refuta a contradição e tentava solucionar o problema reduzindo a atenção ao objeto, averiguando e esclarecendo as normas de investigação, aquele difunde os parâmetros para incluir a contradição e trazê-la de volta a si. No meio termo, encontra-se Pound, libertando a tradução das amarras do literalismo das metodologias que privilegiam a correspondência literal, dando-lhe permissão para promover qualquer característica do texto original que quiserem; no entanto, não dá

direito de abrir campo para qualquer lado, abrir campo para qualquer visão intuída ou de inspiração divina.

Segundo Frederic Will, a convicção cultural predominante é que os excelentes tradutores têm acesso a algum tipo de sentido universal do significado e são capazes de refletir com clareza a natureza do texto traduzido, essa sensibilidade semântico textual é compartilhada por profissionais como editores, organizadores, revisores, leitores e críticos. A teoria de Will é por demais subjetiva, ele crê na existência de uma essência das emoções humanas que supera a natureza da língua, a poesia teria um poder transcendental:

Por pertencer a essa classe privilegiada de poeta e tradutor, por gostar do poder do “amor”, ele acredita que pode superar essa ignorância específica da língua em questão, bem como do seu uso normal indeterminado, e ganhar acesso àquela “essência” por trás do poema. (GENTZLER, 2009, p.51-52).

Essas noções românticas a respeito da poesia e os preceitos ateóricos de Will, ao invés de impulsionarem, enfraquecem e obscurecem a tradução literária.

Outro estudioso de renome que teve sua parcela de contribuição nos estudos da tradução foi o editor de antologia Lawrence Venuti, a tese mais importante de Venuti é que a tradução está propensa a ser uma prática imperceptível nos Estados Unidos. Essa invisibilidade significa que os tradutores costumam se omitir em sua profissão, calando a voz em favor da voz dos autores e/ou dos estilos predominantes da cultura alvo (GENTZLER, 2009). As traduções são conceituadas boas quando sua leitura é natural, dando a impressão que não se trata de uma tradução.

As contribuições de Venuti para os estudos da tradução são múltiplas. A primeira e mais importante é o fato de ele criticar a fundamentação humanista de grande parte da tradução literária nos Estados Unidos e mostrar que ela reforça crenças e ideologias domésticas predominantes. Em segundo lugar, ele oferece um novo conjunto de termos e métodos para analisar as traduções. E, por fim, apresenta uma série de estratégias alternativas que gostaria que os tradutores experimentassem. (GENTZLER, 2009, p.62).

Segundo Venuti, os modelos de tradução literária apresentados por Richards e Will desembocavam em dois grandes problemas: primeiro, marginalizavam os tradutores, mantendo-os submissos ao autor, traduzir era uma prática derivativa e

secundária, longe da escrita criativa de qualidade. (GENTZLER, 2009). Segundo, exclui as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro,

Ao reescrever o texto de acordo com os estilos predominantes dessa cultura e ao adaptar imagens e metáforas do texto estrangeiro aos sistemas de crenças preferidos da cultura-alvo, os tradutores são não apenas severamente tolhidos em termos de opções para executar a tarefa, mas também forçados a alterar o texto para adequá-lo às formas e idéias da cultura receptora. (GENTZLER, 2009, p.63).

Esse tipo de tradução, Venuti nomeia de “ato de domesticação”, pois promove um imperialismo cultural ao trazer aos leitores a experiência de reconhecer sua cultura no estrangeiro, quando deveria ser o oposto. Ele contesta conceitos de originalidade e autoria que inferiorizam a tradução ao texto fonte, afirmando, por um lado que ambos são derivativos e heterogêneos; por outro lado, acredita que a tradução transformativa, criativa, interpretativa, dificilmente é transparente. Logo, questiona as noções fáceis de equivalência, ressaltando que o texto compreende múltiplos discursos inviabilizando noções de correspondências simples.

As traduções são textos complexos, repletos de múltiplas conotações intertextuais e alusões, contendo múltiplos discursos e matérias lingüísticos, dando aos tradutores várias escolhas para apoiar ou resistir às visões literárias e ideológicas predominante. (VENUTI, *apud* GENTZLER, 2009, p.63).

Venuti elabora um método de análise da tradução a partir do estudo comparado e da análise sintomática. A análise humanística, como foi mencionado, buscava a unidade semântica do texto; no entanto, a análise semântica, “lendo não o que é imediatamente visível, e sim o opaco ou invisível, revela os conflitantes discursos e as contradições do texto traduzido” (GENTZLER, 2009, p.64). Partindo da análise semântica, Venuti propõe a análise sintomática que expõe o processo de tradução, identificando como os tradutores, consciente ou inconscientemente, revelam seus elos culturais, políticos etc., mediante seu estilo. Ele exemplifica esse método com a tradução dos textos de Freud para a *Standar Edition*:

A norma cultural para textos psicanalíticos ao mesmo tempo enfatizava o discurso científico e tendia a um estilo abstrato, impessoal e bastante erudito. O problema para os tradutores, no entanto, era que os textos de Freud costumavam ser simples e coloquiais, usando linguagem corriqueira, em vez de altamente culta e teórica [...] Por meio de uma leitura sintomática, palavras como “cathexis” para “energia” e “libidinal” para “sexual” revelam suas

alianças [dos tradutores] por meio da escolha de estilo. (GENTZLER, 2009, p.64).

Venuti, baseando-se na análise sintomática, clarifica o processo de tradução, desfazendo a doce ilusão de transparência e equivalência, expondo como os tradutores estão mergulhados na sua construção cultural, revelando como as diferentes formas de recepção em diferentes culturas manipulam a tradução: sintaxe estrangeira e estilos manuseados para parecerem iguais à língua alvo; metáforas e imagens alteradas; valores culturais omitidos ou adaptados em consonância ao nosso modo de pensar. (GENTZLER, 2009).

Ao mesmo tempo em que propõe um novo método, Venuti orienta seus seguidores para o que chama de “tradução estrangeirizada” ou “fidelidade abusiva”, termos que sugerem a resistência à domesticação, à fluência e à transparência, opondo-se àqueles defendidos pelos primogênitos da oficina norte-americana de tradução: unidade, coesão, similaridade, fluência e aceitabilidade. (GENTZLER, 2009).

Fechando o círculo dos participantes da oficina de tradução, temos as contribuições de Ezra Pound cuja teoria não vislumbrava um significado único e inalterável do texto, tornado a obra uníssona.

Pound se baseava em um conceito de energia na língua; as palavras em uma página, os detalhes específicos, não eram vistos simplesmente como marcas tipografadas pretas e brancas em papel, representando outra coisa, mas sim como imagens esculpidas – palavras gravadas em pedra. (GENTZLER, 2009, p.38)

Se as palavras eram imagens, logo o tradutor era “um artista, um escultor, um gravurista ou calígrafo, aquele que molda a palavra.” (GENTZLER, 2009). Segundo o teórico, o que importava não era tanto o significado das palavras específicas e do texto a ser traduzido, mas o ritmo, a dicção e o movimento das palavras. Perante uma concepção tão dinâmica dos objetos, o significado de uma obra de arte também não pode jamais ser fixo; ele muda de acordo com a mudança que ocorre na língua. Ao valorizar os aspectos rítmicos e mostrar que a língua não é inerte, mas movimenta-se em um campo energético criado pelo tempo e a cultura, Pound afirma que a “língua é carregada ou energizada” de vários modos:

São eles *melopeia*, ou a propriedade musical, *phanopoeia*, ou propriedade visual; e *logopoéia*, a propriedade mais complexa, que

inclui tanto o “significado direto” quanto o “jogo” de palavras em seu contexto. (GENTZLER, 2009, p.43)

A *logopoéia* engloba as metáforas e seus usos contextualizados, “suas aceitações conhecidas e seu jogo irônico”. Compreender a *logopoéia* significa “compreender o tempo, o lugar e as restrições ideológicas do texto sendo traduzido”. (GENTZLER, 2009, p.43) Por isso Pound sugere aos tradutores, mormente aos tradutores de textos literários, que não sejam anacrônicos, mas “que se deixem submeter à disposição, ao clima e aos processos de pensamento do texto no tempo” (GENTZLER, 2009, p.44), e, conseqüentemente, “a disposição e a sensibilidade em tempo e lugar devem ser transportada à cultura presente para que a tradução se torne um texto contemporâneo” (GENTZLER, 2009, p.44).

Para o teórico, a única maneira de realizar esse intuito “sem cair em translatoresse é criar novas ligações no presente” (GENTZLER, 2009, p.40); isso faz do tradutor um ser criador e criativo, cuja subjetividade se esparrama nas linhas textuais, no intuito de “passar concisão, clareza e apresentação de imagens concretas.” (GENTZLER, 2009, p.47)

Vê-se, portanto, que Pound desafia as regras literárias em vigência, e não o faz sozinho, os tradutores euro americanos das décadas de 1960 e 1970 aderiram a sua causa para afrontar os gostos e concepções culturais predominantes na sociedade ocidental norte-americana e para emprestar força ao movimento contra cultural.

Observa-se que Pound está no lado oposto de Richards, isso demonstra que a Oficina de tradução não apresentou um perfil homogêneo, as divergências de opiniões ratificam a dificuldade de uma uniformidade teórica a respeito dos estudos de tradução, em específico, da tradução literária. (GENTZLER, 2009)

3.2 A “CIÊNCIA” DA TRADUÇÃO.

Foi demonstrado que a oficina norte americana abriu muitas portas para a teoria da tradução, porém insuficientes para torná-la concreta como afirma Joseph Graham:

Muito do que já foi escrito a respeito da tradução produz pouca substância, quando filtrado, justamente por ter sido escrito como se fosse dito na oficina. As anedotas pessoais e os conselhos podem ser de alguma ajuda, mas estão longe da teoria coerente e

consistente exigida para a tradução. (GRAHAM, 1981:23, *apud* Gentzle, 2009, p. 71).

Para tornar a tradução uma teoria de fato era preciso uma concepção mais sistemática, e, até aquele momento, a única disciplina que parecia apta para organizar a tão sonhada teoria da tradução era a lingüística; porém, até meados da década de 1960, a lingüística tinha aspectos altamente descritivos, na qual a gramática descritiva tinha grande ênfase, o que a tornava inadequada para a tradução. Mas, tanto a teoria descritiva quanto a teoria comparada passaram por um grande progresso, sendo influentes até hoje.

O êxito dessas teorias se deve a dois escritores: Noam Chomsky, com as obras *Syntactic Structure* (1957), *Aspects of the theory of syntax* (1965), e Eugène Nida com suas contribuições *Message and mission* (1960), *Towarde a Science of translating* (1964). A gramática transformacional gerativa trouxe crédito e influencia a ciência da tradução. (GENTZLER, 2009)

De acordo com a teoria de Chomsky, as regras para a estrutura de frases geram a profunda estrutura de uma oração, que contém todas as informações sintáticas e semânticas que determinam seu significado. Assim, as regras transformacionais mudam a estrutura profunda e, por conseguinte, as estruturas superficiais, que são as sentenças de determinada língua. Para Chomsky, as regras para a estrutura de frases internalizam-se no inconsciente da mente humana; já a estrutura profunda define o sentido das orações e a estrutura superficial define o som (GENTZLER, 2009).

Mesmo que a teoria de Chomsky tenha agitado a área da lingüística e muitos considerem sua obra uma das principais contribuições para o pensamento do século XX, muitos escritores criativos, teóricos literários e praticantes da tradução continuam distantes a ela, distorcem seus exemplos, desconfiam de suas premissas, indagam sua afirmação de que são científicas, aborrecem com seus procedimentos empíricos, e acima de tudo, não parecem acreditar que seu exemplo transformacional gerativo seja útil para o estudo literário. (GENTZLER, 2009)

A lingüística é uma disciplina monolítica? Especificamente ela é equivalente à gramática transformacional gerativa? Se não é, então a teoria lingüística de Chomsky e o interesse dos gramáticos transformacionais gerativos por seu estudo seriam o único modelo, ou o modelo mais apropriado, para a teoria da literatura e seu estudo? Enfim, as pressuposições, os procedimentos, conceitos e

conclusões da própria lingüística estariam tão bem estabelecidos, tão livres de problemas internos ou crítica externa, que se recomendaria aos teóricos literários adotá-los e aplicá-los sem refletir? (SMITH, 1978, apud GENTZLER, 2009, p.43)

Embora tenha havido reservas, um estudioso sentiu-se instigado pelos métodos e premissas de Chomsky e elaborou uma ciência da tradução baseando-se em seus preceitos.

A ciência da tradução de Nida só ganhou confiança e influência através da gramática transformacional gerativa, com sua autenticidade no campo da linguística. A teoria de Nida tinha por base sua experiência em traduzir a bíblia, o que de certa forma lhe rendeu uma posição de especial influência, pois a tradução bíblica é uma história longa, que abrange muitas pessoas e diversas culturas, trata-se de texto multifacetado e “completo” por haver prosa, poesia, narrativas, diálogos, parábolas e leis (GENTZLER, 2009).

Nida tentou validar cientificamente seu método e adaptá-lo à tradução de forma geral, mas suas crenças religiosas, mesmo que de forma discreta, continuam inseridas na estrutura científica. Com base nos estudos de Chomsky, a teoria de Nida deixou de ser direcionada apenas a outros missionários, abrangendo público mais amplo, sua obra se transformou na base de um novo campo de investigação, fundando assim a ciência da tradução.

Para a área da tradução o modelo transformacional não teve muita serventia, afastando-se dos reais problemas da tradução que vão de nomes próprios a metáforas, da língua formal aos dialetos, e todos os problemas que tornam a tradução literária tanto ilusória quanto instigante (GENTZLER, 2009). A busca por regras universais cuja aplicabilidade garantiria chegar ao cerne, ao núcleo, à essência da mensagem original, fracassou. A procura pelo componente-base, pela estrutura profunda e pela estrutura superficial², mostrou-se inadequada à tradução literária, visto que o literário é caracterizado mais pelo desvio do pela regra.

Com base em seus estudos, Nida compreendeu e concluiu que significado e experiência pessoal devem andar juntas e que as ideias precisam ser mudadas para se enquadrar no mapa conceitual da experiência, de acordo com o contexto,

² “A teoria de Chomsky envolve três níveis de conceituação: (1) um componente-base feito de “regras para estrutura de frases” que gera (2) uma estrutura profunda, que por sua vez é mudada, por meio de regras transformacionais, em (3) uma estrutura superficial”. (GENTZLER, 2009, p.74)

preocupando-se não com a correspondência formal, mas com a funcionalidade. (GENTZLER, 2009).

Ele (o tradutor) deve compreender não apenas o conteúdo óbvio da mensagem, mas também as sutilezas de significado, os valores emotivos significativos das palavras e das características estilísticas que determinam o “sabor e a sensação” da mensagem. (NIDA 1964:150-1, *apud* GENTZLER, 2009, pág.84)

Mesmo a teoria de Nida sendo abstrata como a de Chomsky, sua abordagem era tida como progressiva por se basear no sentido da mensagem, preferindo trabalhar para trás, ou seja, começa a partir da superfície do texto original até sua estrutura profunda, para que, dessa forma, mude a estrutura profunda do novo idioma e gere uma estrutura superficial na língua alvo (GENTZLER, 2009). Por esse motivo, Nida afirma que sua metodologia de tradução:

é prática e cientificamente mais eficiente para (1) reduzir o texto-fonte às suas bases (*kernels*) evidentes estruturais e semânticas mais simples, (2) transferir o significado da língua-fonte para a língua receptora em um nível estruturalmente simples e (3) gerar a expressão estilística e semântica equivalente na língua receptora”. (NIDA, 1964, *apud* GENTZLER, 2009, p.84)

Nas décadas de 60 e 70, nos Estados Unidos, a oficina da tradução conquistou seu espaço, mas a teoria da tradução necessitava de uma abordagem mais organizada e sistemática, e a linguística era uma forte candidata a organizar e solucionar esse problema, a principal característica da linguística era sua pesquisa descritiva, de modo que as gramáticas individuais eram detalhadas, mas não comparadas, perdendo assim seu valor para tradução.

Chomsky, com a abordagem transformacional-gerativa busca as células-mãe linguísticas e seus troncos descendentes, influenciando Eugène Nida a aplicar o método no estudo da tradução. No entanto, o próprio Chomsky, não acredita na aplicabilidade da metodologia para esse fim

A existência de universais formais profundamente enraizados (...) implica que todas as línguas são moldadas no mesmo padrão, mas não que exista uma correspondência ponto a ponto entre determinadas línguas. Não implica, por exemplo, que deva haver um procedimento razoável para tradução entre uma língua e outra. (CHOMSKY, 1963:30, *apud* GENTZLER, 2009, p. 78)

Mesmo sem o aval de Chomsky, a “ciência da tradução”, de Eugène Nida, influenciou sobremaneira a análise tradução fazendo emergir a idéia de equivalência, analisada em linhas anteriores.

3.3 PRIMEIROS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Dois “rivais” se enfrentavam na arena da tradução: de um lado os tradutores literários consideravam desnecessária qualquer análise linguística científica; por outro, os linguistas dispensavam a análise literária não científica; nesse embate, os estudos da tradução tomaram outro rumo nos Países Baixos (Gentzler, 2009). A partir de agora

A meta da disciplina é produzir uma teoria abrangente que possa ser usada como diretriz para a produção de traduções. A teoria se beneficiaria se fosse desenvolvida com base em argumentos que não tenha inspiração neopositivista nem hermenêutica. A teoria se beneficiaria se fosse elaborada sobre um terreno de históricos de caso constantemente testados. Ela não seria, enfim, estática; evoluiria de acordo com o consenso dinâmico de estudiosos qualificados, que constituem um fórum de competição. Não é inconcebível que uma teoria elaborada dessa maneira ajudasse na formulação de uma teoria literária e linguística; como também não é inconcebível que as traduções feitas de acordo com as diretrizes experimentais na teoria possam influenciar o desenvolvimento da cultura receptora. (LEFÈVERE, 1978b, 234, *apud* GENTZLER, 2009, p 109)

O escritor André Lefèvere confrontou duas abordagens antagônicas: a hermenêutica e a neo-positivista. Para Lefèvere a abordagem hermenêutica da tradução era usada especialmente por pensadores individuais, que tentam chegar sozinhos a verdades e formas gramaticais que tenham validade universal, já o positivismo lógico, a estratégia dominante firmada por estruturalistas de tradução, gramáticas etc., limitava o estudo de literatura a uma língua pretendida como ciência física, tendo bases concretas e regras inabaláveis, apresentando a ideia das ciências que eram monísticas, reducionistas e fisicalista, visto que para cada original existiria apenas uma tradução perfeita cientificamente analisável.

Lefèvere argumenta que teorias da tradução baseadas em tais argumentos não defendem a ideia de que muitas vezes, mesmo contra vontade, o tradutor tem de abrir mão de algumas instâncias textuais (GENTZLER, 2009).

A tarefa do tradutor é, justamente, transmitir o texto-fonte, a interpretação original do autor de determinado tema expresso em um número de variações. Acessível a leitores não familiarizados com essas variações, substituindo a variação do autor original e de seus equivalentes em língua, tempo, local e tradição diferente. Uma ênfase especial deve ser dada ao fato de que o tradutor tem de substituir todas as variações contidas no texto-fonte por seus equivalentes. (LEFÈVRE, 1975:99, GENTZLER, 2009, p. 127)

Nos Países Baixos, os estudiosos da tradução estavam interessados em mostrar que tanto a linguística (científica) quanto a tradução literária (não científica) tinham algo a ensinar, não havia a necessidade de uma excluir a outra. Desse modo, os estudos tomaram outro rumo, suspenderam, por um tempo, as tentativas de definir tradução, buscando, primeiramente, compreender a respeito dos procedimentos de tradução.

A princípio os estudos de tradução tinham como objetivo focar nas traduções em si e descrever melhor o processo de tradução, perceberam que a tradução é bem mais complexa do que se imaginava, e que, individualmente, os obstáculos desse trabalho seriam intransponíveis, independentemente da metodologia. Por esse motivo lança-se a proposta de que diversas abordagens se unam para criar uma concepção que sirva para melhorar o trabalho da maioria dos estudiosos da área. (GENTZLER, 2009).

A princípio o objetivo era aprender mais sobre cada etapa da tradução, analisando a trajetória do sentido. Uma das principais características desse novo método de estudos era sua persistência em abrir novas portas para novos campos como: estudos literários, lógicos, linguistas, todos trabalhando juntos em prol de um só objetivo, e as dicotomias como certo/errado, formal/dinâmico, literal/livre foram perdendo sua importância (GENTZLER, 2009).

Desse modo, apreende-se que a tarefa de descrever a tradução não é trabalho para apenas um tradutor e a curto prazo, mas um trabalho de vários tradutores e a longo prazo. Uma referência que chama atenção é o projeto de Antônio Popovic, ao fazer uma comparação entre as semelhanças e distinções que acontecem quando se propõe a traduzir (GENTZLER, 2009). A proposta de Popovic é demonstrar que em todo texto há perdas e ganhos e que isso é necessário devido às diferenças que há entre culturas.

Cada método individual de tradução é determinado pela presença ou ausência de mudanças nas diversas camadas da tradução. Tudo o

que aparece como novo em relação ao original, ou deixa de aparecer quando deveria pode ser interpretado como uma mudança. (POPOVIC, 1970:78, *apud* GENTZLER, 2009, p. 119)

Percebe-se, no discurso de Popovic, que ele amplia horizontes, observa mudanças e diferenças textuais ao mesmo tempo em que liberta o tradutor das amarras das fidelidades, o tradutor tem o direito de fazer adaptações sempre que achar necessário:

Não é a única função do tradutor se “identificar” com o original: isso só resultaria em uma tradução transparente. O tradutor também tem o direito de divergir organicamente, de ser independente (...) Entre a substância semântica básica do original e sua mudança em outra estrutura linguística, desenvolve-se uma espécie de tensão dialética ao longo do eixo fidelidade-liberdade. (POPOVIC, 1970:80, *apud* GENTZLER, 2009, P. 120)

Na teoria de Popovic há brechas para a interpretação, e, até mesmo, para a contradição. Já o formalismo russo defende a ideia de que algumas características devem ser compartilhadas e evidenciadas no texto fonte e no texto traduzido, tais como: forma, auto referencialidade, justaposição técnica etc. (GENTZLER, 2009).

O poeta e tradutor americano James Holmes defendia que o núcleo de discussão para os estudos da tradução deveria ser como fazer a tradução; no ato da tradução há um leque de técnicas e posturas, cuja aplicabilidade determinam o produto textual.

A tarefa de elaborar esse repertório seria enorme. Mas, se os estudiosos pudessem chegar a um consenso sobre ela, como, por exemplo, os botânicos desde Lineu chegam a um consenso em torno dos métodos sistemáticos para a descrição das plantas, seria possível, pela primeira vez, proporcionar descrições de textos originais e traduzidos, de seus respectivos mapas e das correspondentes redes, regras e hierarquias que seriam mutuamente comparáveis. E só com base em descrições mutuamente comparáveis, podemos produzir estudos bem fundados de uma abrangência maior: estudos comparativos das traduções de um autor ou tradutor, ou - dando um salto maior - de período, gênero, uma só língua (ou cultura), ou histórias gerais da tradução. (HOLMES, 1978:81; 1988:90 *apud* GENTZLER, 2009, p. 135)

Holmes pretendia a criação de método sistemático incomparáveis que daria a tradução mais cientificidade.

3.4 TEORIA DOS POLISSISTEMAS

Durante a década de 1970 surge através de estudos de Itamar Even Zohar o termo “polissistemas”, que é uma junção dos sistemas literários sem nenhuma exceção, incluindo desde formas “canônicas” ou “alta” como verso inovador, até formas “baixas” ou não “canônicas” como literatura infantil e ficção popular de determinada cultura. Para Even Zohar tanto a forma primária (criar novas ideias), quanto a forma secundária (reforçar itens modelos), tem sua importância na história literária.

Essa denominação dos polissistemas poderia ser nova, mas suas inspirações não, pois essa teoria surgiu através de trabalho dos formalistas russos posteriores e se desenvolveu durante dez anos de trabalho por parte de estudos na universidade de Tel Aviv que ficaram com a responsabilidade de descrever toda a história da tradução literária para o hebraico, pois em Israel a tradução era de extrema necessidade, já que não era costume dos hebreus possuir obras literárias, acabando assim dependentes de obras estrangeiras tanto para diversidade quanto para conhecimento. Mas a dependência mais evidente era em relação a cultura, e a tradução tinha um papel fundamental para quem trabalhava com política e comércio .(GENTZLER, 2009)

Tendo adotado uma vez a abordagem funcional (ista), na qual o objeto depende da teoria, a moderna teoria da tradução não pode deixar de transcender “fronteiras”. Assim como as “fronteiras” linguísticas foram transcendidas, as literárias também devem ser. Pois há ocorrência de uma natureza trasladável que requerem uma semiótica da cultura. (EVEN-ZOHAR, 1981: X *apud* GENTZLER, 2009, p. 142)

Para desenvolver seu trabalho, Even Zohar se baseou no trabalho de Jury Tyjanov que defendia a ideia de que os elementos literários não existem por si só, mas que precisam de outros elementos para se complementar. Even Zohar decidiu adotar o sistema de Tyjanov devido a hierarquia existente em relação aos distintos sistemas literários, que tem como conceitos de desfamiliarização, que funciona como registro de sentido literário e termina com a concepção de constante progresso

De acordo com o que se presume acerca da natureza dos sistemas em geral e da natureza dos fenômenos literários em particular, obviamente não pode haver igualdade entre os vários sistemas e

tipos literários. Esses sistemas mantêm relações hierárquicas, o que significa que alguns ocupam uma posição mais central que outros, ou que alguns são os primários enquanto outros são secundários. (EVEN ZOAR, 1978,16 *apud* GENTZLER 2009, p. 149)

Podemos entender que dentro do sistema literário não tem como todos os textos terem o mesmo patamar, ou seja, serem iguais, pois existem vários tipos de textos a serem analisados, mas isso não quer dizer que cada um deles deve ser trabalhado isoladamente, mesmo sendo colocados em patamares distintos (GENTZLER, 2009).

Para definir de forma clara e objetiva a relação entre o sistema literário e a influência sócio econômico Even Zohar revisou o termo polissistema e concluiu

Basta considerarmos a relação centro/ periferia para podermos conciliar heterogeneidade com funcionalidade. Portanto, a noção hierarquia, de estratos, não só é inevitável, mas também útil. Incrementá-la com a noção de um sistema de sistemas, um sistema múltiplo, ou seja, cujas interseções são mais complexas, é apenas mais um passo lógico gerado pela necessidade de elaborar um modelo “mais próximo” do “mundo real. (EVEN ZOAR, 1978A :29; *apud* GENTZLER, 2009, p 153).

O termo polissistema é bem flexível quanto ao incremento e entrega dos estados literários com forças literárias com forças sociais econômicas da história. Esse trabalho dentro da tradução é de suma importância, devido a atenção e consideração em relação a função da tradução no sistema literário. No entanto, Even Zohar deixa claro que precisava de um aprofundamento maior e melhor. (GENTZLER, 2009)

O escritor Gideon Toury também contribuiu para a teoria do polissistema e seus estudos estão baseados em fazer uma análise sociológica aprofundada nas condições que influenciam a tradução de obras estrangeiras no hebraico, seu trabalho resulta também na tentativa de aprofundar uma teoria da tradução, que tenha por base descobertas de acordo com estudos de campo.

Ao fazer a análise para descrever a tradução, Toury percebeu que os textos trabalhados não tinham uma equivalência total com a linguística funcional ao texto fonte, apesar de ter uma boa aceitação na cultura alvo como tradução e era distribuída em toda sociedade, mesmo não tendo nenhum compromisso com os exemplares de equivalência da tradução na cultura alvo, esses textos ainda eram raros (GENTZLER, 2009).

Toury explica que a falta de compromisso com a fidelidade ao texto, não acontecia por indiferença, mas o objetivo era apenas chegar em tradução compreensível na cultura alvo, ou seja, a palavra final e as mudanças era decidida pela cultura alvo, por esse motivo Toury encontrou erros na teoria existente (GENTZLER, 2009).

Finalmente consegue planejar o projeto de uma concepção que não ficava restrito a lealdade ao texto fonte, mas a tradução se resulta de um termo que está relacionado com as culturas envolvidas, essa teoria resultaria em um modelo que explicaria a tradução. O objetivo dessa teoria defendida por Toury era expandir os limites da tradução incluindo todas as teorias, não deixando nenhuma isolada.

Assim, o conceito transformado de adequação encontra seu uso principal na metodologia de TA-TF. Na estrutura metodológica, ele é concebido como uma entidade hipotética construída sobre a base de uma análise sistêmica (em termos) do TF e usada como a invariante de comparação (isto é como *tertium comparationis*). (TOURY, 1980:49, *apud* GENTZLER, 2009, p. 164.)

Para melhor compreensão, Toury mostra uma teoria no texto alvo em comparação ao texto fonte, enfocando na realidade das culturas envolvidas, o sentido não era contrariar a linguística, mas atribuir fatores culturais.

Toda tradução é um ato de interpretação crítica, mas há algumas traduções de poesia que diferem de todas as outras formas interpretativas, no sentido de que elas também têm o objetivo de ser atos de poesia (...), seria útil, para essa forma literária específica, com seu propósito duplo de meta literatura e literatura primária, introduzirmos a designação de "metapoema". (HOLMES, 1970:93; 1988:24, *apud* GENTZLER, 2009, p. 124)

Podemos entender que a tradução vai além de uma simples travessia de uma língua para outra, mas o papel do tradutor é levar junto sua cultura de um modo que, quem nunca foi a esse determinado lugar, compreenda como é a língua/cultura e como ela funciona, de um modo crítico, mas também de forma compreensível. (HOLMES, 1970:93; 1988:24, *apud* GENTZLER, 2009)

A relação que há entre a teoria dos polissistemas e os estudos da tradução é a semelhança, pois existe uma relação entre o que estava sendo sugerido nos países baixos e que era fincado em Israel. A intenção dos estudiosos em Israel não era contrariar o trabalho pioneiro dos estudos da tradução, mas expandir, acrescentando noções teóricas anteriores de equivalência de tradução e função

literária em uma base maior, que de possibilidade de historicizar os textos realmente traduzidos e ver o real sentido de certas pressuposições estéticas que influenciam o processo da tradução.

Uma distinção entre as teorias é a ordem dos fatores, pois os estudiosos da área da tradução tendem a observar relações um a um e noções funcionais de equivalência. Já os estudiosos dos polissistemas previam o sentido oposto, pois as regras sociais e convenções literárias na cultura receptora ditam as pressuposições estéticas da tradução, influenciam suas subsequentes decisões. (GENTZLER, 2009)

De acordo com os teóricos dos polissistemas, o problema com os primeiros estudos da tradução, era que eles tentavam teorizar o processo de tradução, e ao mesmo tempo avaliar o sucesso de textos individuais de modo sincrônico (apenas sua literariedade), alegando ter um componente diacrônico. O desejo dos teóricos da tradução não era um processo de transferência em um único texto, mas a produção de tradução e mudança dentro de todo o sistema literário. (GENTZLER, 2009)

Com um novo olhar, os textos literários ganharam novas expectativas, ou seja, agora as traduções interliterárias eram descritas, como também relações intraliterárias dentro de uma base sistema cultural. O progresso literário e linguístico estava sendo notado e ganhava seu espaço. (GENTZLER, 2009)

A teoria de Even Zohar e Toury foi de fundamental importância para a tradução, pois ajudou a compreender melhor e a superar limites ficando mais fácil encontrar um método para definir as traduções. Foi através dessas pesquisas que houve um reconhecimento da importância da tradução em qualquer ramo da literatura.

3.5 DESCONSTRUÇÃO.

Todas as teorias da tradução observadas até determinado momento são dependentes de alguma noção de equivalência tais como: experiência estética, equivalência linguística estrutural, função literária etc, mas continua a dúvida se é ou não possível traduzir além dos termos tradicionais, pois todas as teorias, ou ao menos a maioria, sobre tradução tem feito diferenças rígidas entre textos originais e suas traduções. Tais diferenças determinam subsequentes afirmações a respeito da tradução, mas há grupos de estudiosos denominados desconstrucionistas, que

estão com a função de reformular, de modo radical e significativo, as bases a teoria da tradução. (GENTZLER, 2009)

A teoria desconstrucionista se desenvolveu na França em 1960, em um período de revolução social e política. Dentro do campo da tradução os desconstrucionistas analisavam as distinções, falhas, mudanças e elisões que fazem parte do texto.

Na concepção desconstrucionista a tradução pode ser definida de modo diferente e de forma correspondente, ou seja, não seria definida apenas como uma travessia de um lugar para o outro, para algo que seja assimilado, mas pode nos dar um lugar para uma prática de uma travessia que vai além dos nossos olhos e que escapa das nossas mãos, abrindo novos horizontes. (GENTZLER, 2009)

Qualquer nova obra literária deve necessariamente desconstruir unidades existentes ou, por definição, deixa de ser literária. A tradição literária não era mais concebida como uma linha reta contínua, mas antes como uma luta envolvendo destruição e reconstrução a partir de elementos. (TYNJANOV, 1921, EIXENBAUM 1978:31, *apud* GENTZLER, 2009, p. 144)

Desse modo, podemos compreender que o método de desconstrução não quer trabalhar com a destruição em si, mas com reconstrução e inovação daquilo que não estava dando certo.

De acordo com Derrida, a teoria da tradução pode ser melhor no “campo de estudo” para o início de uma exploração de novos saberes, e nunca haverá um transporte de puros sentidos de uma língua para outra.

A diferença nunca é pura, tampouco é tradução: e, para a noção de tradução, teríamos de substituir por uma transformação: Regulada de uma língua para outra, de um texto por outro. Jamais teremos- na verdade, nunca tivemos- de lidar com “transporte” de puros significados de uma língua para outra ou dentro de uma mesma língua, que o instrumento significante deixaria virgem e intocada. (DERRIDA, 1981:20 *apud* GENTZLER, 2009, p. 207)

Dessa maneira, a tradução deixa de ser vista apenas como uma operação entre línguas afastadas, mas como um processo em constante operação, onde as fronteiras entre as línguas desaparecem (GENTZLER, 2009). Para Van Den Broeck, quando há tradução se tem uma perda significativa em seu sentido, e concorda com Derrida que o termo tradução deveria ser definido como transformação. De acordo

com Van Den Broeck a desconstrução não é uma atitude de destruição, mas de mudanças, que desafia as operações tradicionais ou chega a inverter tais oposições.

No fim, a teoria da tradução não é como gostaríamos que fosse. Provavelmente, é apenas uma teoria no sentido tradicional do termo, ou seja, prescreve o que deveria ser tradução. (BROECK, 1988:286, *apud* GENTZLER, 2009, p. 211)

Por essa citação podemos concluir que Broeck coloca Derrida no mesmo campo metafísico fiéis/livres que regem o sistema tradicional da tradução, ou seja, Broeck não quis trilhar os caminhos de Derrida em compreender o jogo de línguas até seus limites. Ele fala pelo fato de sugerir que a exigência de uma mudança de oposição tradicional pode ser comparada com uma abordagem guiada para o alvo. (GENTZLER, 2009)

A desconstrução quer ir além dos limites da língua, da escrita e da leitura e para isso mostra que as definições usadas para discutir conceitos até o momento apenas impõem dificuldade, mas o objetivo da desconstrução não é oferecer uma definição pronta para ciência da tradução, mas indagar o uso da língua, e assim como estudiosos da tradução, os desconstrucionistas observam falhas e mudanças que fazem parte de todo texto. (GENTZLER, 2009)

Um período em que a teoria desconstrucionista teve um maior peso foi no período pós-colonial, pois em vez dos tradutores usar a tradução como uma peça essencial para servir de base e estender um sistema conceitual fincado na filosofia e na religião ocidental, os praticantes da tradução tentaram resgatar a tradução e utiliza-la como uma estratégia, que transforma a construção de imagem de cultura não ocidental, em vez de reinterpretá-la utilizando concepções e línguas tradicionais, normalizados.

Tejaswini Niranjana não concorda com a tradução tradicional argumentando que a tradução não pode ser entendida como modelo fiel/livre, texto fonte/texto alvo, mas deveria ser analisada como uma via de mão dupla, de modo recíproco reforçando e/ou mudando noções bem fincadas de cultura e identidade. De acordo com Niranjana qualquer concepção de tradução que ignore tais argumentos não pode ser compreendida como empírica nem sistemática. (GENTZLER, 2009)

A teoria da tradução atualmente (teoria contemporânea da tradução), durante a década de 1960, de acordo com Ted Hughes, deu um grande passo em relação a tradução literária, mas foi na década de 1990 que a tradução prosperou, pois

durante esse período foi desenvolvida uma gama de eventos acadêmicos e sociopolíticos em nível internacional de modo apropriado em vários campos como linguísticos, antropológico, psicológico, etc. Novas perspectivas em relação a essa teoria vem surgindo nos mais diversos países. (GENTZLER, 2009).

Durante as décadas de 1960, 1970, 1980 a tradução não se desenvolveu como devia, devido a falta de comunicação, pois cada área ou estudioso trabalhava de modo individual dificultando o desenvolvimento desse trabalho. Ao observar a virada que o tradutor faz do texto fonte para o texto alvo, o escritor Robinson dá um exemplo de como fazer isso de modo simples que é modelo dialógico, que observa o entrosamento do tradutor entre as línguas/culturas envolvidas e com a ética. Segundo esse método, o tradutor pode intervir, subverter em relação ao aspecto da tradução literária. (GENTZLER, 2009)

O que difere a década de 1990 das anteriores é que agora há uma abertura maior para o diálogo entre os cientistas da tradução e os praticantes tradutores, pois em vários anos de estudo e pesquisa as áreas como sociolinguística, teoria do discurso e psicolinguística aperfeiçoaram seus métodos de estudo e ganharam seu espaço para ser analisados por essa ciência.

Por exemplo, os estudiosos da área da sociolinguística analisaram de modo mais rígido a questão de dialetos em relação a língua e sua função social, já os estudiosos pragmáticos analisam o modo de falar, o desempenho na comunicação, comparando com o modo de falar das outras culturas. Os psicolinguistas elaboram um método chamado minimax, pois ao se comunicar através da fala os indivíduos se esforçam ao mínimo para comunicar uma grande quantidade de informação. Os estudiosos da teoria do discurso vêm analisando como ocorre a percepção dos tradutores das convenções disponíveis para facilitar a tradução ideal. (GENTZLER, 2009).

A conversa entre os estudiosos da área da tradução fez com que houvesse uma troca de experiência com pesquisadores de outras áreas. Quem se esforçou para que isso acontecesse foi José Lambert e Susan Bassnett. Durante a década de 1980, José Lambert abriu novas portas a área de investigação para haver inclusão de fenômenos da tradução, que até então não se tinha o hábito de ser feito e nem se relacionar com a tradução interlingual.

De acordo com Lambert o futuro da tradução será uma ciência empírica baseada em texto, e uma prática semiótica guiada por transferência. Lambert vê a

tradução como processo que vai além do interlinguístico sendo uma atividade intercultural, ou seja, a tradução acontece não só entre língua fixa e literatura nacional, mas em qualquer discurso. (GENTZLER, 2009)

Para Suzan Bassnett e Lefèvere, os estudiosos da tradução tem que estar prontos para lidar não só com textos em si, mas o que influencia a produção de tal texto. Como a tradução está sendo visto como uma área que vai além dos signos linguísticos, é o momento de tradução e cultura trabalharem em conjunto, pois os estudos em relação a cultura como costumes, raça, gênero são poucos para tratar um assunto tão complexo como a tradução que já passou por uma transformação cultural, agora precisa acontecer o inverso, pois de acordo com os irmão Campos a tradução vai além do signo linguístico ou semântico, mas abrange sons, imagens e conotações. Com essa atitude não causa tantos constrangimentos como o termo fiel/livre, acabando com a sensação de perdas, ganhando a alegria de participar. (GENTZLER, 2009)

Apesar da teoria da tradução ter tido um grande progresso em seus estudos, agora é o momento de avançar para aprimorar o sentido da tradução no campo da língua no discurso literário, ou seja, a tradução é um campo que vive em constante mudança e que pode ser melhorado e adaptado de acordo com a nova realidade. Mary Hornby define a tradução não como uma travessia entre línguas se tratando gramaticalmente, mas um conhecimento amplo, é a junção de duas culturas totalmente estranhas entre si, levando conhecimento e com ele o respeito com o diferente e a curiosidade de saber mais sobre coisas que não se tinha contato até então. (GENTZLER, 2009)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as linhas anteriores, percebe-se que os estudos tradutórios enfrentaram e enfrentam diversos obstáculos. Parafraseando Drummond, pode-se afirmar que, em se tratando de tradução, sempre há “uma pedra no caminho”, pedra multifacetada, composta por antíteses seculares que ainda persistem no confronto do texto original com o texto traduzido. E essa pedra transforma-se em uma montanha diante da tradução literária.

Se hoje pode-se levantar a bandeira da desconstrução, da transformação, dos polissistemas, se hoje evidencia-se aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e tecnológicos face ao texto literário, se hoje tem-se por alvo a língua de chegada e o sentido literal, dando ao tradutor o direito de interpretação, sabe-se que nem sempre foi assim; uma camisa de força, estruturalmente construída, serviu para engessar a liberdade do tradutor, manipulá-lo e fazê-lo sentir-se eterno devedor diante do original, a ponto de afirmar-se que: o tradutor pode traduzir todas as obras de Shakespeare, mas ele jamais será um Shakespeare. Mas o tradutor não almeja ser Shakespeare, ele quer apenas mostrar, - em um novo código lingüístico, cultural, social e economicamente constituído - a grandeza do Shakespeare que o conquistou.

Eugene Nida, na oficina norte-americana de tradução, em meados do século XX, exigia imparcialidade do tradutor, um niilismo, o tradutor deveria ser imperceptível no texto traduzido. Atualmente, no século XXI o foco da tradução está na visibilidade e ética do tradutor, esse foco faz com que se renovem novos métodos de abordagens neurolinguísticos, cognitivos, psicológicos e culturais. A tradução do século XXI vai além do texto, atende também a uma criação semiótica de multimídia. Devido ao avanço tecnológico e à uma grande quantidade de traduções na rede, a teoria da tradução prepara-se e investe para novas adaptações. Isso permite afirmar que, agora, não é apenas o tradutor que depende de Shakespeare, mas é Shakespeare que depende do tradutor para mergulhar no mar da intermedialidade. Como afirmado na epígrafe dessa monografia, nas palavras de Saramago: são os autores que fazem as literaturas nacionais, mas são os tradutores que fazem a literatura universal.

REFERÊNCIAS

BATALHA, Maria Cristina; PONTES Jr. Geraldo. **Tradução**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução?** Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CATFORD, J. C. **Uma teoria lingüística da tradução**: um ensaio em lingüística aplicada. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores de inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas São Paulo: Cultrix; Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1980.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução de Marcos Malvezzi. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009.

LARANJEIRA, Mário. **Poética da tradução**: do sentido à significância. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Criação e Crítica; v.12)

OLIVEIRA, Alessandra Ramos de. **Equivalência**: sinônimo de divergência. Disponível em: < dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4925619.pdf.> Acesso em 11/09/2015

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

RIZZO, Josefa. **Um pouco de história**. Texto extraído de uma das apostilas criada pela autora. Disponível em: < <http://translationtheprofession.blogspot.com.br/2010/12/um-pouco-de-historia.html> >. Acesso em:

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**: uma proposta de desconstrução da noção de equivalência em Catford, Nida, Lefevere e Toury. Síntesis, v. 4, 1999.

_____. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.